

OCEANO DE FRONTEIRAS INVISÍVEIS: Escravidão; migrações e identidades na literatura

Dra. Daiana Nascimento dos Santos*

Na presente discussão, o oceano adquire caráter de protagonista, de modo a enfatizar os vínculos históricos do triângulo Europa-América-África, cujos imaginários foram importantes nas suas configurações de ordem política, econômica, histórica e cultural dos seus respectivos sujeitos ao longo da história¹.

A partir dessa perspectiva dinâmica e complexa de intercâmbios, de embates e de outras relações de diversas índoles, a significação e a relevância desses imaginários sofreram alterações significativas nos constantes processos de modificação, imposição e redefinição da sociedade, de suas culturas e de seus imaginários.

Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é problematizar as literaturas e as culturas dentro de um marco discursivo oceânico². Pretende-se, desse modo, recortar fragmentos de diversos textos literários subjacentes ao assunto aqui perscrutado. A partir de um horizonte mais amplo, unificado em problematizar questões relacionadas ao espaço oceânico, e ao mesmo tempo, se relaciona com uma das célebres epígrafes de Camões (1980): “viajar por mares, nunca dantes navegados”.

É por isso que serão delimitados problemas relativos à representação do oceano, em relação à configuração dos imaginários desses recortes literários, no sentido de entendê-lo como espaço de processos histórico-culturais, identitários e

* Pós-doutora em Letras; Centro de Estudios Avanzados-Universidad de Playa Ancha, Chile; daiana.nascimento@upla.cl

¹ Para complementar a discussão, sugere-se: COMITTI, Leopoldo. *Inscrições sobre o Atlântico: literatura, imigração e identidade cultural*. Curitiba: Editora CRV, 2012.

² Trata-se de um marco discursivo desenvolvido nos últimos trabalhos da presente autora, onde se privilegiam textos teóricos e literários para analisar/ler questões relacionadas às problemáticas oceânicas, tais como: escravização; migrações forçadas e processos migratórios em geral.

de intensa migração na atualidade³. Nesse bojo, projetam-se representações oceânicas que ultrapassam abordagens estritamente simbólicas para dar lugar a um universo de construções imaginárias sobrepostas acerca do tráfico escravista, da migração forçada, do comércio ultramarino, da resistência e do legado que remanesceu na história.

A partir dessa configuração simbólica, surgem discursos que dão lugar à “memória” negra e a todas as ideias que tratam da identidade dos africanos que se configuram a partir do oceano Atlântico (OMIDIRE, 2011, p. 147). Esses elementos convergem para diversas representações do oceano – concebido como espaço de dor, de resistência e de divindade, mas, também, como lugar de entrecruzes, resistências e projeções históricas, utópicas, de identidades e de celebração⁴.

Nos casos das literaturas africanas em português e em espanhol, a mirada para o passado “atlântico”, revela a intenção de construir uma história contemporânea baseada nas experiências do passado (PHAF-RHEINBERGER, 2011). Por outro lado, nos casos das literaturas em português e em espanhol da América Latina, este projeto literário segue um caminho parecido com o anterior, porém, revela um anseio utópico e de reencontro consigo mesmo. A África (re)configurada na América Latina é (re)articulada através das memórias.

Os nexos e as representações que se desprendem do oceano de fronteiras invisíveis demonstram a sua importância e a sua simbologia tanto ao nível literário quanto histórico-cultural e socioeconômico, mas, principalmente, como espaço de circulação de utopias na atualidade.

Os textos literários escolhidos propõem uma leitura diferenciada do passado, já que transcendem os conhecimentos do pretérito a fim de construir uma história contemporânea sobre as bases das experiências do passado no oceano. Nesse caso, o passado funciona como um pretexto para analisar o

³ Sobre migrações, conferir: BADI, Mbuyi Kabunda e DIAGOBERTO, José Fonseca (org.) *Diáspora africana e migração na era da globalização: experiência de refugio, estudo, trabalho*. Fortaleza: Editora CRV, 2014.

⁴ Félix Ayoh' Omidire (2011) comenta sobre a assimetria ritual de lemanjá na África e na América Latina, de maneira a evidenciar a importância do culto em homenagem a lemanjá na América Latina, especificamente no Brasil, onde as festas de Reveillon e o 02 de fevereiro possuem um papel importante na vida sociocultural do povo brasileiro.

presente. Nesses textos, observa-se um intenso esforço em modificar a percepção histórica da relação entre América Latina e África, como indica Pfhaf-Rheinberger (2011). Acredita-se, no presente trabalho articulista, que esse processo se dá através das reelaborações literárias e por meio do que é entregue pela memória.

Na tradição inglesa, fala-se sobre o *Middle Passage*, como o cenário do comércio triangular em que milhares de seres humanos foram escravizados e enviados para o então considerado “Novo Mundo”. Sobre esse contexto, tem sido discutido amplamente, nas academias de vários pontos do mundo, que há uma literatura crítica escrita desde múltiplos enfoques metodológicos, teóricos e enunciativos.

No livro *What the sea told me* (2009), o poeta e crítico literário nigeriano E. E. Sule apresenta um mosaico de imagens, experiências, representações e inquietudes sobre/com/desde o mar na poesia. São inúmeras as imagens que surgem do mar ao sintetizar forças antagônicas na sua simbologia e nas suas representações, de modo que se configuram como um lugar de vários tipos de memória. Especialmente porque a poesia de Sule faz alusão às atrocidades do *Middle Passage* e “[...] evoca recordações [sobre o mar] diferentes segundo as pessoas” (SULE, 2009 apud PHAF-RHEINBERGER, 2011, p. 187).

Ao mesmo tempo, esse oceano, dentro do imaginário negro, denota também terror, principalmente para aqueles que o viram pela primeira vez. Muitos escravizados eram do interior da África, portanto, não haviam tido experiências com o mar. Além do mais, desconfiavam do futuro incerto que os aguardava. É assim – como espaço de terror – que o escritor colombiano Cantor (2007) representa o mar no romance *La ceiba de la memoria*: “El mar. Un rugido que llenaba de horror. Una bestia enorme de piel se elevaba para atrapar y destrozar la presa con su sangre blanca y espumosa brotando a borbotones y detrás el barco flotando en el peligro” (CANTOR, 2007, p.37)⁵.

Por outro lado, o mar também evoca uma experiência histórica traumática para os africanos, como já comentamos, pois foi através do mar que se deu o ir e

⁵ Conferir também: LIENHARD (1998) e LIENHARD (1999).

vir da morte lenta travestida de escravização, tal como problematizado no livro *El océano de fronteras invisibles: relecturas históricas sobre (el ¿fin? de) la esclavitud* (2015).

Em outro sentido, na obra *Changó, el gran putas*, do colombiano Olivella (1984)⁶, esta configuração se refere às elaborações dos imaginários do universo mítico iorubá, dentro do contexto da travessia e das conotações da escravização/escravidão do passado e do presente; pelo que é necessário indagar sobre como estão configurados esses aspectos e como são representados nas discussões atuais.

Nagó vuelve a llamar con desespero:

– ¡Aquí está con nosotros el poderoso Elegba!

El oricha se sentó frente a él. Pone sobre el suelo su sojana y allí donde la apoyaba, arde una llama.

– Vengo a decirte que te alistes para la partida. Vendrá la gran nave en donde se confundirán todas las sangres. Estarán unidas aunque se separen las lenguas y las cadenas. En mitad del mar nacerá el nuevo hijo del muntu y en la nueva tierra será amamantado por la leche de madres desconocidas (2010, p. 91).

Para dar marcha a esse debate teórico, é muito significativa a leitura de Lienhard (1999) sobre o mar, de modo a entendê-lo a partir de uma ampla dimensão simbólica que se conecta com o dito anteriormente:

En su cosmología, el mar aparece como una especie de eslabón que vincula, en la visión de los esclavos o sus descendientes, América a África: un vínculo que resulta al mismo tiempo espacial, histórico y religioso. En términos espaciales, el mar es el elemento que articula y separa simultáneamente los dos continentes vecinos. Históricamente, el mar fue el camino que tuvieron que recorrer los africanos en su deportación hacia América. Desde una perspectiva religiosa, por fin, el mar es el elemento en cuyo fondo viven los espíritus de inúmeros esclavos que murieron en la travesía o que se ahogaron en el naufragio de un barco negrero. En suma, el mar es el espacio central en la historia

⁶ Nesse trabalho, utilizamos uma edição de 2010.

de la esclavitud y en la cosmología de los esclavos congos o sus descendientes. (LIENHARD, 1999, p. 509)

No texto de Lienhard, é possível identificar representações significativas vinculadas às imagens do mar que se projetam a partir de *Changó*, igualmente com resultados simbólicos que se configuram pela memória da escravização /escravidão.

Numa primeira interpretação, o mar figura como um ventre materno de crucial importância para a humanidade que permitiu a navegação dos povos antigos pelas suas águas uterinas. Logo, numa segunda leitura, o mar está representado como espaço primário da escravização/escravidão, ou seja, como via de circulação dos “barcos de morte”. Nesse sentido, o mar se projeta como espaço simbólico de conexão ancestral com o *outro lado da margem (otro lado de la orilla)* ou o *Grande além (el gran allá)* representações estas que se desprendem do imaginário de *El reino de este mundo*, do cubano Alejo Carpentier (1949)⁷.

Em termos gerais, o simbolismo do mar/barco no imaginário de *Changó* está representado como um lugar de reelaborações de diversos tipos, as quais se configuram a partir da escravização e das relações entre os vários grupos étnicos escravizados e seus respectivos orixás que os acompanham nessa viagem de dor.

No fragmento anterior, observamos que Olivella (2010) propõe uma viagem simbólica dos africanos e de seus descendentes, desde suas origens na África, acompanhados pelos seus orixás: “Las tribus dispersas/rota tu familia/separadas las madres de tus hijos/aborrecidos, /malditos tus Orichas/hasta sus nombres/ ¡olvidarán!”(2010, p.67).

A partir da ótica afrocêntrica, o romance constrói quinhentos anos de história, desde a travessia, passando pelos eventos de luta e resistência desde a Revolução Haitiana, até chegar às lutas de resistência no Brasil, no período da Inconfidência Mineira, no final do século XVIII, e do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos nos anos 60 do século XX.

⁷ Nesse trabalho, utilizamos uma edição de 2007.

De maneira similar, em *Um defeito de cor*, o cenário vil dos porões recebe outra conotação – a de espaço micro cultural –, pois foi onde distintos grupos étnicos estabeleceram interações, apesar das diferenças linguísticas e culturais que havia entre eles (SANTOS, 2013).

Era uma mistura de iorubá e achanti, uma das mulheres perguntou se estávamos sozinhas, eu respondi que sim, e que morávamos em Uidá mesmo. Ela então quis saber se tínhamos família e eu contei sobre a minha avó. Quando soube que éramos apenas nós três, ela disse que era melhor assim, pois deixaríamos uma só pessoa chorando por nós, confirmando que seríamos mandados para o estrangeiro, que muitos deles já estavam ali havia vários dias, como se esperando para embarcar. Todos os dias chegavam mais gente capturada em muitos lugares da África, falando línguas diferentes e dando várias versões sobre o nosso destino. (GONÇALVES, 2010, p. 38)

De acordo com Mintz e Price (2003), as experiências de cooperação entre diferentes grupos, o vínculo entre os companheiros de “viagem” e os laços sociais entre eles moldaram os inícios da cultura e da sociedade afrodescendente nas Américas (MINTZ; PRICE, 2003, p. 65-67).

Ambos os romances *Changó* e *Um defeito*, a partir de perspectivas distintas, reelaboram o contexto histórico a partir da voz dos “condenados da terra” (FANON), recuperando o direito de enunciação para “[...] aqueles que a história nunca permitiu falar” (ARAGÓN, 2006, p. 123).

Por outro lado, o contexto da travessia atlântica tem sido narrado desde distintas perspectivas, vozes e olhares nos diferentes períodos literários. São exemplos: “Navio negreiro”, de Castro Alves; “Vine en un barco negrero”, de Nicolás Guillén; “Navio negreiro”, de Solano Trindade; “Botella al mar”, de Nancy Morejón; “Ritmos negros del Peru”, de Nicomedes Santa Cruz, dentre outros. Estes poemas aludem às tragédias sucedidas nos porões dos barcos e, ao mesmo tempo, mostram imagens do “navio devorador”, nas suas distintas representações.

Ainda pensando nos circuitos oceânicos, a partir de uma perspectiva histórico-utópica, destaca-se o romance *La flota negra*, de Yasmin Ross (2000). O romance se centra na personalidade carismática do jamaicano Marcus Garvey, líder do primeiro movimento de massas do século XX, que despertou a imaginação de milhões de descendentes de africanos nos anos de 1920 e deu vida a um dos eventos mais fascinantes da diáspora africana: o utópico retorno à África. Além de reconstruir literariamente este contexto, o romance desfaz as fronteiras oceânicas da Jamaica, Costa Rica e dos Estados Unidos.

[...] supe que Marcus Garvey tuvo un sueño, uno de los mejores sueños como negro. Su intención era llevar de regreso a toda la gente negra a África, de donde descenden. Una tierra donde se aboliera la esclavitud. Pero a la vez, los blancos no querían que tuviese éxito. Le impusieron toda clase de obstáculos, con la ley y con el gobierno (ROSS, 2000, p. 127-128)

Pois bem, voltando ao circuito das águas, é pertinente mencionar que, no debate atual, Phaf-Rheinberger e Mann (2014) argumentam sobre uma Modernidade Oceânica, como um espaço complexo de construções da sociedade urbana, das movimentações, da contemporaneidade e das conotações que vão sendo atribuídas à escravidão no contexto contemporâneo⁸. Em relação ao comentário anterior, destaque-se que, atualmente, vem sendo detectada uma intensa revitalização da rota do Mediterrâneo com destino à Europa. São pessoas provenientes do norte da África ou do Oriente Médio que arriscam suas vidas em embarcações precárias – que fazem recordar o navio negreiro. Sob essas condições, vem sendo reativada esta rota histórica de grande importância para as relações comerciais da Baixa Idade Média. A Agência das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) tem destacado que cerca de 4.000 imigrantes foram mortos nessa rota até 2014 e é claro que a cifra vem aumentando. Esse contexto tem provocado mais mortes de homens, mulheres e crianças, não apenas nos barcos, mas também no caminho para Europa. Esta situação vem provocando debates

⁸ Um exemplo dessa discussão é o documentário: “Slavery at sea”, de Charlie Jhonson.

entre os governantes da União Europeia, porém, sem que se chegue a um resultado comum para essa problemática. Por outro lado, este conjunto de aspectos vem despertando posturas ultranacionalistas e, em alguns casos, os fantasmas do racismo e da xenofobia. No entanto, advoga-se, aqui, ser pertinente não apenas a discussão sobre o intenso fenômeno de migração e a definição de como a União Europeia vai atuar quando essas pessoas ingressarem ilegalmente no seu território ou vierem a solicitar refúgio. Contudo, é fundamental indagar sobre as conjunturas políticas e socioeconômicas dos países de origem desses imigrantes, que solicitam refúgio e/ou exílio, tal como se pode observar na novela *El metro* (2007) do escritor guinéu-equatoriano Ndongo-Bydiogo⁹:

[...] Entonces se derramaron las plagas sobre el país. Vinieron tiempos convulsos, y su vida cambió de forma inesperada antes de que consiguiera lograr sus propósitos. Como todo el mundo, Obama Ondo siguió a través de la radio y de la televisión la drástica devaluación de la moneda, que afectó por igual a todas las ex colonias africanas de la Metrópolis (NDONGO-BYDIOGO, 2007, p. 78-79).

Pretende-se, assim, neste sentido, propor algumas indagações para concluir a presente discussão: Quais são os verdadeiros motivos que estão por trás dessa onda migratória? É possível resolver ou pensar soluções para esse fenômeno? Serão os conflitos políticos e as instabilidades econômicas o pano de fundo dessa onda migratória? Embora seja verdade, que esses fatores têm desempenhado um papel importante nesse contexto, o certo é que, essa conjuntura, faz com que milhares de pessoas solicitem “refúgio”, como indica Eze (1977). Este refúgio, como lembra o filósofo africano, apresenta-se de maneira precária, pois essas pessoas se deparam com leis migratórias discriminatórias que não lhes permitem conseguir uma oportunidade de ter uma nova vida e/ou fugir de contextos políticos esmagadores configurados por democracias fictícias, como adverte Mbuyi Kabunda Badi ou por “democraturas”, de acordo com as palavras do cantor marfinense Alpha Blondy. Não podemos perder de vista que muitos

⁹ Desde os anos 70, toca nessa africanos a abordar essa temática

desse indivíduos anseiam por uma nova oportunidade, porém não cumprem com os requisitos migratórios para ingressar na Europa, Cone Sul ou Brasil, tornando o processo ilegal como a opção mais viável. O resultado dessa situação leva à atuação dos “novos negreiros” com suas redes internacionais de tráfico de pessoas. Esse conjunto de aspectos vem tomando a atenção dos meios de comunicação nos últimos anos, sendo que, em 2015, as palavras MIGRAÇÕES-NAUFRÁGIO, TERRORISMO têm sido o centro das discussões. A mídia vem explorado esse contexto sob vários ângulos sem abordar, porém, os reais fatores que estão por trás dessa complexa situação, de modo que, quase sempre, as versões que são escutadas, não são as dos que estão emigrando. Como recorda Ndongo-Bydiogo em *El metro*:

Con una prensa controlada desde el poder, y destruidas de un plumazo las frágiles estructuras sociales, salió reforzada la oligarquía dominante, esos plutócratas de consuno con los intereses extranjeros, y **a los que nunca afectaba ninguna crisis, al contrario, se enriquecían más con ella, pues sus fortunas estaban depositadas en paraísos fiscales y en lugares seguros en las divisas más fuertes [...]** (NDONGO-BYDIOGO, 2007, p. 80)¹⁰.

Edward Said em *Cultura e imperialismo* (1993) entrega pistas sobre o cenário dicotômico por trás das práticas do poder colonial, tal como se pode observar no texto de Ndongo-Bydiogo¹¹. Ambos os textos apontam para a importância de revisar o passado como uma estratégia para entender as ambiguidades das problemáticas atuais, pois, segundo Bonnici: “[...] o passado utilizado para abrir o futuro é um convite à ação e um pressuposto para a esperança” (2012, p. 45).

Finalmente, este é um trabalho que não se concentra, apenas, na elaboração de um paradigma de análise literário, mas também numa forma de ampliar o entendimento sobre problemáticas do passado oceânico subjacentes ao contexto atual. Além do mais, esta reflexão busca contribuir para a formação de

¹⁰ Destacados são da autora.

¹¹ Nessa mesma linha, está o documentário “O pesadelo de Darwin”.

ideias e na reflexão sobre outros espaços, identidades, experiências e configurações, pensadas para um presente mais justo e tolerante.

REFERÊNCIAS

ARAGÓN, William Mina. *El pensamiento afro: más allá de oriente y occidente: ensayo interdisciplinario del legado afro a la civilización*. Popayán, Colombia: Universidad del Cauca, 2006.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: Estratégias de leitura*. Maringá, Brasil: EDUEM, 2012.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro, Brasil: Biblioteca do Exército, 1980.

CANTOR, Roberto Burgos. *La Ceiba de la memoria*. Bogotá, Colombia: Ed. Planeta Colombiana, 2007.

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. Santiago, Chile: Editorial Universitaria, 2006.

EZE, Emmanuel Chukwudi (ed). *Pensamiento africano: ética y política*. Barcelona, Espanha: Ediciones Bellaterra, 2000.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LIENHARD, Martin. *O mar e o mato: Histórias da escravidão (Congo-Angola, Brasil, Caribe)*. Salvador de Bahia, Brasil: Edufba /Ceao, 1998.

LIENHARD, Martin. Kalunga o el recuerdo de la trata esclavista en algunos cantos afroamericanos. *Iberoamericanapp*.505- 517, 1999.

MANN, Micheal; PHAF-RHEINBERGER, Ineke. *Narratives of the Southern Oceans*. Berlin: Neofelis, 2014.

MINTZ, Sidney y Richard, PRICE. *O nascimento da cultura afroamericana*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

OMIDIRE, Félix. *La identidad frente al poder: La asimetría ritual de Yemanyá en África y América Latina*. Em: PHAF-RHEINBERGER, Ineke (ed.) *Historias enredadas: Representaciones asimétricas con vistas al Atlántico*. Berlim, Alemanha: Verlag, 2011.

SANTOS, Daiana Nascimento dos. Memoria y representación del barco y del mar en la travesía y la migración forzada. *Afro-Hispanic review*, Estados Unidos, n°32 (2013): pp. 115- 128.

_____. *El océano de fronteras invisibles: relecturas sobre (¿el fin? de) la esclavitud*, Madrid: Editorial Verbum, 2015.

NDONGO-BIDYOGO, Donato. *El metro*. Barcelona: El Cobre, 2007.

Phaf-Rheinberger, Ineke (ed.). *Histórias enredadas: Representaciones asimétricas con vista al Atlántico*. Berlin: Verlag Walter Frey, 2011.

ROSS, Yazmín. *La flota negra*. México, D. F.: Aguilar, 2000.

OLIVELLA, Manuel Zapata. *Changó, el gran putas*. Bogotá: Editorial Bogotá, 2010.

DOCUMENTÁRIOS:

JOHNSON, Charlie. *Slavery at sea*. Environmental Justice Foundation (Reino Unido) 08:35; 2013.

SAUPER, Hubert. *O Pesadelo de Darwin*. Atalanta filmes (França; Bélgica; Áustria) 1:45:18min; 2004.